

VEMGES & III SICODE

Encontro Maranhense Sobre Gênero,
Educação e Sexualidades

Simpósio Nacional Corpos e
Diversidade na Educação

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026

Evento híbrido



UMA CONTRANARRATIVA INSURGENTE: poder, disputa e subjetivação em uma obra brasileira

Myllena Mayara de Freitas Ramalho Souza¹

Introdução

Formado sob a égide da colonialidade, o país que se nomeia, atualmente, como Brasil, mantém em suas bases relações diretas com o processo de colonização portuguesa que deixou e continua deixando marcas sobre os corpos e línguas de sujeitos pertencentes a grupos minorizados como os indígenas em um processo de dominação territorial, cultural, sexual, religiosa e econômica.

Aparados por tal percepção, consideramos relevante retomarmos o acontecimento histórico conhecido como o primeiro assassinato por LGBTfobia no Brasil, um sujeito tupinambá, Tibira, executado por sodomia em 1613, um exemplo ao mesmo tempo colonial, mas que se repete de diferentes modos ainda cotidianamente na vida de brasileiros que fogem do padrão heteronormativo cisgênero.

¹ Mestranda. Universidade Estadual de Goiás – Campus Cora Coralina, Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade - POSLLI, Cidade de Goiás, Goiás, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-6663-673X>. E-mail: myllenamayarasouza@gmail.com.

VEMGES & III SICODE

Encontro Maranhense Sobre Gênero,
Educação e Sexualidades

Simpósio Nacional Corpos e
Diversidade na Educação

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026

Evento híbrido



Sendo assim, esta pesquisa propõe uma leitura arqueogenealógica da obra *Tybyra: uma tragédia indígena brasileira* (2020), escrita por Juan Nyn. A obra reconstrói, sob o olhar indígena e decolonizador, a narrativa de Tibira, na qual o autor elabora uma resposta insurgente à versão colonial, subvertendo a perspectiva eurocêntrica e conferindo voz ao indígena antes silenciado.

A relevância de tal trabalho baseia-se na perspectiva pela qual a colonialidade encontra diferentes modos de reprodução das dominações sobre os indivíduos e seus corpos, e a educação se apresenta interpelada por tais questões, podendo reproduzir e introjetar nos indivíduos ainda em formação preconceitos relacionados às formas de dominação que tangem a sexualidade dos indivíduos, a precariedade dos corpos e a negação de garantias dos direitos humanos que se referem a liberdade dos sujeitos.

Para executar a descrição e análise do corpus de pesquisa, o artigo organiza-se em três seções: a primeira seção, intitulada "A 'Fala' de Tybyra: Mapeando os Enunciados de Normalidade e Cultura em Juan Nyn", A segunda seção, "A Exposição Grotesca de Tybyra: Poder Soberano e a Inscrição do Crime no Corpo Indígena", e, por fim, a terceira seção, "Sodomizar o Colonizador: A Contra-Subjetivação como Tática de Resistência na Obra de Nyn".

Desenvolvimento

Consideramos neste trabalho que a obra “Tybyra: uma tragédia indígena brasileira”, de Juan Nyn, constitui-se como uma resposta discursiva à narrativa colonial inaugurada por “Viagem ao Norte do Brasil” (1613-1614), texto no qual se relata a execução de um indígena acusado de sodomia. Ao reescrever essa história pela voz do

VEMGES & III SICODE

Encontro Maranhense Sobre Gênero,
Educação e Sexualidades

Simpósio Nacional Corpos e
Diversidade na Educação

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026

Evento híbrido



próprio indígena, Nyn desloca o eixo enunciativo, conferindo o discurso àquele que fora, por séculos, objeto de fala e nunca sujeito do dizer.

Este reposicionamento narrativo expõe um conflito discursivo fundamental: o choque entre duas “epistemes”, a colonial-religiosa e a indígena. O relato de 1613-1614 é um produto de seu tempo, um “[...] início de uma época de repressão própria das sociedades chamadas burguesas” (Foucault, 1988, p. 21). Nesse novo regime de poder-saber, o sexo foi transformado em um objeto de administração e controle.

Como aponta Foucault, o poder não apenas silencia; ele incita a falar, a confessar, a classificar. “Se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada” (Foucault, 1988, p. 12). Esta imposição de um “saber” não foi apenas moral, mas fundamentalmente colonial. Como já citado anteriormente, a colonialidade encontra modos de legitimar e continuar seus processos de dominação sobre os corpos, dentre estes modos, podemos citar a criação da noção de “raça”, onde, segundo Aníbal Quijano (2005, p. 117): “Na América, a ideia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista”.

A obra de Nyn, por sua vez, opera como a “transgressão deliberada” (Foucault, 1988, p. 12) que recusa essa classificação. Como gesto de resistência simbólica e linguística, Nyn anuncia que substituirá a vogal “i” pela letra “y” em todo o texto, como forma de reafirmar a espiritualidade e um efeito de autonomia cultural de sua escrita. Tal gesto, de caráter político e epistemológico, rompe com a norma gramatical ocidental e reinscreve o texto em uma lógica decolonial de produção de saberes, insurgência que estipula e arbitrariamente institui novo código linguístico para simbolizar a reescrita da história dos povos indígenas, por meio de uma letra cuja grafia é considerada exótica na língua portuguesa registrada no Brasil, legado lusitano. Para além de tal gesto, o autor

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS



Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026

Evento híbrido



utiliza como primeira estratégia arqueológica o despir da prática sexual de sua carga moral, reinscrevendo-a no campo da normalidade e da natureza, invertendo ainda o dispositivo central do poder: a sexualidade, momento em que sodomiza o colonizador.

De modo a nos delimitarmos nos limites para este resumo, construímos a seguinte tabela em que apresentamos um recorte de quatro tabelas realizadas no trabalho que dá origem a este resumo.

Tabela 1- Mapeamento de Enunciados de Normalidade, Mapeamento de Enunciados Culturais (Episteme Indígena), Mapeamento das Tecnologias de Poder (O Suplício), Mapeamento de Enunciados de Insurgência (Contra-Poder)

Capítulo (Conforme obra de Nyn)	Página Evento de poder em Tybyra	Recorte da Fala (Citação)	Análise/Síntese do Enunciado (O que esta fala expressa?)
LUZ I — O PRAZER	25	— ka'agwy regwá awi'i, nhande djadjapo wa regwa odjapo... — Deve ser os byxo fazendo a mesma coysa lá fora...	Naturalização: Desloca a prática do campo do "pecado" (moral) para o campo da natureza (biológico), comparando-a à ação dos animais.
LUZ I — O PRAZER	29	— oxy, txee ma tupã, nhanderu, nhande tsy, djatsy, kwaray... e'é pá? iporagwe awei nhanderu regwa... — Oxy, eu sou de Tupã [* Guaracy [*], Nhanderu [*], Nhandetsy [*]... Né gostoso? É dos encantados [*], Jacy [*],], é de Deus também...	Validação Cosmológica: A fala insere a prática e o prazer no "saber" divino (Tupã, Encantados), retirando-os da categoria de "pecado" colonial.

VEMGES & III SICODE

Encontro Maranhense Sobre Gênero,
Educação e Sexualidades

Simpósio Nacional Corpos e
Diversidade na Educação

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026

Evento híbrido



LUZ III — O CÁRCERE (p. 48- 52)	A Prisão	— txe pó'i txeretarã kwery txereka. — Me soltem, que mynha famýlya deve tá preocupada. — poriau kwery araĩ etsaka apy aĩ ndaipoiri hi'ã a? — Vou fyca quarando [* sombra? — kwaray aku pá...] o dya todo aquy, assym? Num tem uma — Tô todo peguento de sol	Inscrição no corpo: O poder aprisiona e isola o corpo, retirando-o da esfera social e familiar. Antes mesmo da sentença, o corpo é capturado como alvo de vigilância e punição, marcando-o simbolicamente como "criminoso".
éndywa petei — aku'a LUZ I — O PRAZER	23-24	— maringwa reipotawe? — Quer mays o quê? — ndeaywu, ko'ay txee ndaipyyratairy juruá re... — Fala, que hoje eu tô pegando leve com juruá...	O indígena assume o controle da cena sexual, invertendo a hierarquia do prazer e transformando o corpo em instrumento de domínio. O enunciado marca a subversão do poder colonial: o juruá, antes sujeito do olhar e da posse, torna-se o objeto da experiência erótica e do deboche.

Fonte: elaboração própria

Dentre o que podemos analisar dos enunciados acima gostaríamos de ressaltar os seguintes aspectos: Associação da prática sexual homoafetiva aos "byxo" (animais), de modo que a produção subjetiva indígena se inscreve no "saber" da natureza, um domínio em que o "saber" moral e religioso do colonizador não tem jurisdição. Alguns enunciados não negam o "sagrado", mas o redefinem: o prazer é divino ("É dos encantados"), e a

VEMGES & III SICODE

Encontro Maranhense Sobre Gênero,
Educação e Sexualidades

Simpósio Nacional Corpos e
Diversidade na Educação

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026

Evento híbrido



lógica colonial de "sagrado e profano" é uma farsa ("Tu tá se enganando"). O "saber" sobre identidade (p. 35, 49) é fluido ("amor macho, amor fêmea", "cunhã"), resistindo à categorização binária do colonizador. Há ainda a "Patologização do outro" (LUZ IV), um mecanismo central na justificação do poder punitivo. Tybyra não é julgado apenas por um ato; ele é enquadrado em sua totalidade existencial. Alguns enunciados apontam para a "contra subjetivação", Nyn inverte o "olhar" colonial. O colonizador, que era o agente da disciplina, torna-se o objeto sexual, "cansado" e ironizado.

Considerações

A investigação demonstrou que a obra de Nyn não é apenas uma revisão histórica, mas um complexo ato de insurgência discursiva que ataca o poder colonial em três frentes. Nyn apresenta uma episteme indígena coerente. a obra demonstra que a "sodomia" nunca foi uma categoria de "saber" para o indígena. A fala-chave "Yndýgena não tem ysso [Pecado]" demarca a fronteira epistêmica e expõe o discurso colonial-cristão não como uma "verdade" universal, mas como uma imposição local e violenta.

Referências

Foucault, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**, tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

NYN, J. **Tybyra: uma tragédia indígena Brasileira**. Selo Doburro.1. Ed. São Paulo, 2020.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, p. 107–130, 2005. Disponível em: https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf Acesso em: 13 de dezembro de 2025.